

Ponciá Vicêncio – da invisibilidade feminina ao protagonismo literário

Maria Betânia da Rocha de Oliveira ¹

Considerações iniciais

Esta pesquisa² apresenta como temática central o estudo da obra Ponciá Vicêncio (2017), de Conceição Evaristo à luz do Materialismo Lacaniano. E, seguindo essa linha de pensamento investigativo, objetiva compreender de que forma a representação da personagem feminina - uma mulher negra - protagoniza uma história de luta e de dor do povo negro marcado pela escravidão.

Para tanto, faz-se necessário discorrer sobre a literatura de Conceição Evaristo, sua importância para literatura contemporânea e como sua obra pode ser pensada a partir do materialismo lacaniano de Žižek, uma vez que Evaristo escreve a partir de seu lugar de mulher negra e pobre, especificamente sobre as mulheres negras do Brasil, as quais foram, durante muitos anos, representadas à luz da escrita masculina como símbolo de mãe, esposa submissa ou por meio da sensualização ou sexualização.

Conceição Evaristo, escritora negra e contemporânea, é uma das grandes vozes da literatura brasileira dos últimos anos. Ela é autora de *Becos da memória* (2006), *Insubmissas lágrimas das mulheres* (2011), *Olhos d'água* (2014), *Poemas da recordação* (2008), *Histórias de leves enganos e parecenças* (2016) e *Ponciá Vicêncio* (2003), que é o seu primeiro livro publicado. Até o presente momento, essa publicação de estreia já foi traduzida para o inglês, francês e espanhol, fato que demonstra o alcance de uma produção literária nascida no contato dos povos afro-brasileiros.

Por outro lado, um dos elementos primordiais presente na escrita de Evaristo é, sem dúvidas, a ancestralidade deste povo que sofrera “outrora” marcas escravocratas no corpo e na alma, cujos resquícios se reverberam até os dias atuais, em manifestações obscurecidas de preconceito. Ademais, a autora concede aos seus personagens um senso inerente de humanização e de coragem mesmo àqueles marginalizados na sociedade, assim como acontece com a personagem Ponciá.

Publicado em 2003³, *Ponciá Vicêncio* é um romance contemporâneo associado à literatura afro-brasileira. O enredo enfoca as vivências da protagonista, cujo nome é

¹ Professora Titular do Curso de Letras da Universidade Estadual de Alagoas - UNEAL - AL mariabetania.oliveira@uneal.edu.br

² O presente trabalho foi realizado com apoio da FAPEAL – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Alagoas.

igual ao do título da obra. O texto embasa-se no limiar entre passado ancestral (marcado pela escravidão) e o presente ainda distópico da protagonista que, em diáspora, vai à cidade em busca de melhores condições de vida. Lá, Ponciá sofre diversos percalços, de modo a beirar a loucura. Ela anseia regressar à sua casa, mas se encontra sempre envolta em uma teia de desencontros e de sofrimentos que é fragmentada nos capítulos da obra.

Neste capítulo, direcionamos o nosso foco para a escrita de autoria feminina – de Conceição Evaristo, cuja temática envolve uma personagem negra, filha e neta de escravos alforriados que carregam o sobrenome do antigo senhor. Sem nome, histórica e socialmente subjugada, Ponciá Vicêncio deixa a sua casa e a sua vida. São tantas idas e vindas no tempo, por intermédio do fluxo de suas memórias, que há, nas imagens de seus familiares, a representação do lugar do negro, da mulher, todos à mercê da história dos excluídos, dos invisíveis, dos sem direito à voz.

Elegemos a obra de Evaristo porque os seus textos dão voz àqueles que ocupam a margem da sociedade, principalmente, quando, com a sua escrita, coloca a mulher negra como protagonista de uma história de escrita feminina que seria diferente se escrita por homens, advindo daí a questão do protagonismo feminino, referenciado neste texto.

Nesta perspectiva, o problema central desta pesquisa, elaborado a partir do Materialismo Lacaniano, emerge das seguintes indagações: a forma como a narrativa apresenta as angústias e os anseios dos sujeitos que estão à margem – os invisibilizados étnica e socialmente, colabora para a representação da mulher na obra de Conceição Evaristo? De acordo com as concepções do Materialismo Lacaniano, a existência humana, caracterizada pelas atividades contínuas dos indivíduos em determinada sociedade, é concebida nas dimensões do Simbólico, do Imaginário e do Real. Sendo assim, questionamos: como a vida e a diáspora de Ponciá Vicêncio são acompanhadas pela presença do Imaginário e do Simbólico em sua relação com a ordem vigente?

Finalmente, se a personagem Ponciá Vicêncio vive numa constante e permanente busca para ajustar-se à ordem simbólica, sempre num processo de desintegração e negatividade, isto é, ela percorre a narrativa tentando se construir a partir de suas falhas e de suas distorções negativas, podemos afirmar que a narrativa apresenta aos leitores uma obra, cuja protagonista parte da invisibilidade (racial, cultural

³ A primeira publicação do romance é de 2003. Neste capítulo, utilizamos a terceira edição. Cf. EVARISTO, Conceição. *Ponciá Vicêncio*. 3. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

e social) e chega ao protagonismo que é, duplamente revelado, uma vez que não só coloca a escrita de autoria feminina em evidência, como também traz uma personagem negra como protagonista de uma obra literária, fato ainda incomum nas publicações literárias. Essas e outras questões estão presentes na próxima sessão.

Análise da obra à luz do Materialismo Lacaniano

O Materialismo Lacaniano é uma corrente filosófica, cujas bases foram idealizadas por Slavoj Žižek, um esloveno, formado em Letras e em Filosofia. Desenvolveu a sua orientação acadêmica tomando como base as ideias de Karl Marx e ancorando-se em uma filosofia de cunho político, já que o seu ponto de vista revela uma observação plural das teorias sociais. Os estudos dessa linha filosófica buscam compreender as agruras sociais e políticas que circulam no mundo atual, por meio de pesquisas que uniram os dados do materialismo dialético e histórico aos conceitos da psicanálise de Lacan, cujos pressupostos foram agregados a outros contextos intelectuais.

Se, de um lado, o marxismo buscava compreender as engrenagens da sociedade até os seus pontos mais elementares, a psicanálise se abria para a reflexão sobre o universo do inconsciente dos sujeitos que compõem essa mesma sociedade. É importante destacar que o Materialismo Lacaniano toma as concepções sociais, econômicas e políticas sob a perspectiva dialética e histórica e as relaciona com as teorias de Jacques Lacan para pensar os problemas do homem numa dimensão que exclui o tratamento clínico: “porque o clínico está em toda parte, podemos contornar o processo e nos concentrar, em vez disso, em seus efeitos, no modo como ele colore tudo que parece não clínico” (ŽIŽEK, 2010, p. 12).

Este filósofo assegura que os postulados de Lacan são essenciais para a atualização das noções de proletariado, de comunismo e das concepções de liberdade da política atual, mas enfatiza que não adota o viés da psicanálise clínica, pois é o caráter social que amplia, por meio da ideologia, a dimensão de análise da existência do ser. Para a constituição do ser, a teoria žižekiana faz a fusão das duas correntes, já que a existência humana é marcada por uma eterna busca para preencher uma lacuna, um buraco, uma espécie de falta inconsciente, cujos resultados se traduzem em concepções ideológicas associadas à realidade posta.

Quanto ao enredo de Ponciá Vicêncio (2017), a protagonista sabe como realmente era a relação estabelecida entre os brancos e os negros, bem como sabia o modo de funcionamento das relações sociais advindas dessa realidade. Nesse viés, destacamos que essas concepções referentes à ilusão, que transita entre o conhecimento e a aceitação da dominação, de forma automática, sem nenhuma reflexão, tal como imposta pelo Capital, não caracteriza Ponciá nem os seus familiares. O que percebemos na narrativa é a concepção defendida por Žižek; Glyn (2006, p. 21-22), de que a condição de existência do sujeito corresponde a uma busca pela totalidade, caracterizada pela “possibilidade e impossibilidade” de todas as buscas, tal qual ocorre com a personagem Ponciá Vicêncio.

A narrativa é construída em meio a uma linguagem simbólica, que desliza entre o lirismo e os sofrimentos. Essa linguagem se faz violenta, porque, ao se dar conta das mazelas impostas aos de sua raça, Ponciá reconhece que não tem como melhorar o que já se encontra assegurado na ordem vigente, conforme observamos no trecho a seguir:

A vida escrava continuava até os dias de hoje. [Ela era] Escrava do desespero, da falta de esperança, da impossibilidade de travar novas batalhas, de organizar novos quilombos, de inventar outra e nova vida. Sim, ela era escrava também. Escrava de uma condição de vida que se repetia (EVARISTO, 2017, p. 72)⁴.

Embora a personagem buscasse algo que a tornaria completa e feliz, sabemos que essa ação é impossível, porque ela, enquanto sujeito, não terá essa totalidade. Ponciá chega a essa conclusão depois de abortar sete filhos e de relembrar a vida de “peleja” da mãe ou quando meditava sobre os negros de outrora:

De que adiantara a coragem de muitos em escolher a fuga, de viverem o ideal quilombola? De que valera o desespero de Vô Vicêncio? Ele, num ato de coragem-covardia, se rebelara, matara uns dos seus e quisera se matar também. O que adiantara? A vida escrava continuava até os dias de hoje. Sim, ela era escrava também (p. 72).

Todos, como ela mesma, cada um à sua maneira, buscavam um ideal de vida, um ideal pautado na possibilidade de uma vida em liberdade, mas o contexto histórico e social já anunciava a impossibilidade de tal realização. A existência de Ponciá e de seu estava pautada numa busca eterna e impossível para preencher a ausência de sentido originado dos processos das forças de dominação e de arbitrariedade que

⁴ Para o registro de trechos da obra *Ponciá Vicêncio*, ao longo deste capítulo, a partir desta citação, passaremos a utilizar apenas o número referente à página.

sustentavam/sustentam a sociedade. Dessa maneira, aqui, fazemos referência aos povos de origem africana que foram subjugados e escravizados.

Dentro desta abordagem, o sujeito se apresenta como um ser que oscila entre a falta e o excesso, os quais caracterizam a sua condição de existência. A esse sujeito, Žižek; Glyn (2006) denominou, na esteira de Lacan, de “sujeito vazio ou barrado”, isto é, aquele ser que não se encaixa na estrutura simbólica do mundo e nem se reconhece como um ser plenamente ontológico. Nesse sentido, o processo de constituição do indivíduo como sujeito caracteriza-o como um sujeito que é um “vazio constituinte básico que impulsiona a subjetivação, mas não pode, em última instância, ser preenchido por ela. Ele é, simultaneamente, a falta e a sobra em todas as suas formas de subjetivação” (ŽIŽEK; GLYN, 2006, p. 11).

Este vazio surge quando o indivíduo entra na ordem simbólica e acontece o corte que o tira da proteção da mãe. É o momento em que ele precisa se ajustar às regras e às normas impostas pelo Simbólico. Esse momento caracteriza-se como um trauma, porque rompe com um estado de aceitação passiva do universo, quando todas as suas vontades eram satisfeitas via cordão umbilical e placenta – o indivíduo “era” um só com o universo.

Em Ponciá, o corte traumático ou a entrada no Simbólico ocorre desde antes do seu nascimento, marcado pela condição de escravidão herdada de seus antepassados. Um dia, Maria Vicêncio acordou ouvindo um choro de criança e, assustada, percebeu que o choro vinha de sua barriga. Ela fez o que toda mãe faria para acalmar um filho:

Alisou a barriga, acarinhando a filha que ali cumpria o tempo de ser, sentiu movimentos e soluços. O que fazer? O que fazer? Como aliviar o choro de um rebento ainda guardado, mas tão suplicante, que parecia conhecer as infinitas do mundo? [...] Ponciá chorou três dias seguidos na barriga da mãe. Quatro luas depois, nasceu gargalhando um riso miúdo, mas profundo, de criança bem pequena (p. 108).

O trauma da escravidão dá a menina a força e a coragem para mudar de vida, por isso, ela luta para transformar e restituir tudo o que fora tirado, de forma brutal, dos seus. Observemos, por exemplo, o fato de a menina se recusar a sentar e a engatinhar, pulando a fase do colo direto para a de ficar em pé. Certamente, ela já nascera pronta para a luta contra os seus opressores. Outro fato é a semelhança com o avô, aquele que, revoltado com a sua condição de escravo, decide acabar com a vida da esposa e com a própria, mas o intento não foi totalmente concluído. O velho ficou marcado pelo

“cotoco” de braço que a menina Ponciá imitava, como que a perpetuar aquele ato de revolta do avô que simbolizava a luta contra a escravidão e que deixara como herança para a neta.

As convicções de Žižek sobre a linha que as lutas sociais ganharam na atualidade são referências para a leitura do nosso *corpus* literário. Podemos destacar, além da busca permanente de Ponciá, que é o centro de nossa discussão, personagens como a mãe Maria Vicêncio, Luandi, o irmão, o soldado Nestor, a Nêgua Kainda e a prostituta Biliza. Todos seguem tentando construir os seus destinos, vivem angústias, passam por tragédias, arriscam-se e sofrem todas as dores – as suas próprias e as de seu povo. As suas dores também são coletivas, mas eles insistem em continuar e resistir buscando um lugar que os deixem representar a sua história.

Com base em Žižek, observamos a posição do negro dentro de um sistema que é sempre o de submissão. Segundo Marx e Engels (1997), desde a antiguidade, temos a exploração do homem pelo homem. Na sociedade antiga, tínhamos o senhor de escravo e o escravo. Na sociedade medieval, o senhor feudal e o servo. Na modernidade, as classes antagônicas continuam existindo sob a forma de burgueses e trabalhadores.

É o caso das mulheres brancas e/ou negras. Apesar de toda a luta histórica, o papel dado à mulher ainda é secundário. A inferiorização fica ainda mais explícita quando se trata de uma mulher negra e pobre. Ponciá Vicêncio entra nessa condição. Esse universo do Simbólico nos atormenta não só nas ações, mas também no silêncio. No consciente e no inconsciente. Naquilo que é expresso ou naquilo que as normas sociais impõem aos sujeitos para que silenciem.

A tríade Simbólico, Imaginário e Real, constitui a realidade humana. Quando o sujeito não está adequado ao Simbólico da sociedade em que vive, ele tenta se inserir a partir de sua “desintegração e negatividade”, constituindo um outro ser, ao negar-se, para se ajustar ao universo de uma sociedade que idealiza a forma de ser dos sujeitos. Na obra, Ponciá, desde menina, buscava se reconhecer, se constituir:

Quando mais nova, sonhara até outro nome para si. Não gostava daquele que lhe deram. Menina, tinha o hábito de ir para a beira do rio e lá, se mirando nas águas, gritava seu próprio nome. Ponciá Vicêncio! Ponciá Vicêncio! Sentia-se como se estivesse chamando outra pessoa. Não ouvia o seu nome responder dentro de si. Inventava outros (p. 18).

Com os dados deste movimento que, dialeticamente, constrói e desconstrói a realidade social, percebemos o Simbólico, o Imaginário e o Real – a tríade lacaniana –

como instâncias responsáveis pela composição da protagonista naquele mundo marcado pela diáspora advinda da escravidão, num movimento que determina a sua incompletude por meio de certa falta/excesso. Falta de um nome com o qual se reconheça dona de sua própria história e o excesso de inferioridade coletiva, cujas angústias e vazios não são só dela: “Ponciá sabia que o sobrenome Vicêncio tinha vindo desde antes do avô de seu avô” (p. 26). Ela é descendente de escravos e o nome Vicêncio é a marca da superioridade dos brancos: “Na assinatura dela a reminiscência do poderio do senhor, um tal coronel Vicêncio. O Tempo passou deixando a marca daqueles que se fizeram donos das terras e dos homens” (p. 26-27).

Entretanto, Ponciá também já sonhara em outros tempos. Quando menina, sonhava ter outro nome. Esses sonhos nos permitem, seguindo a linha filosófica de Žižek, analisar a trajetória de Ponciá Vivencio, a partir dos elementos do Simbólico, do Imaginário e do Real, que permeiam a realidade ficcionalmente representada nos espaços em que ela conta as suas histórias de lutas, de acomodação e de resistência na sociedade dialeticamente formada entre a aceitação e a resistência à vida que lhe foi imposta. Essa resistência pode ser associada ao momento em que “Ponciá resolve sair do povoado onde nascera, a decisão chegou forte e repentina. Estava cansada de tudo ali” (p. 30).

O conflito existencial de Ponciá é, ao mesmo tempo, o excesso dentro da ordem simbólica e o impulso que busca afastar-se dela, pois “Cansada da luta insana, sem glória” a que todos os seus se entregavam, “Ela acreditava que poderia traçar outros caminhos, inventar uma vida nova” (p. 30).

O processo de subjetivação de Ponciá Vicêncio decorre de experiências perturbadoras, principalmente, quando ela é privada da realização de seu intento de ser feliz, de ter outra vida. Ponciá é privada daquilo que garantiria o cerne de sua existência, uma vez que não pode experimentar e assumir a sua completude.

O fato de Ponciá não conseguir livrar-se do jugo dos brancos, de uma sociedade que impõe limitações aos seus desejos, constituindo-a de um vazio estrutural, é condição que, sob a perspectiva do Materialismo Lacaniano, faz de Ponciá, protagonista do romance de Evaristo, um sujeito barrado. Um sujeito impedido de ser.

O mundo produzido pelos humanos é constituído por símbolos, os quais determinam as normas e os preceitos a serem seguidos. Esse mundo simbólico, dentro

da sociedade em que ocorre a trama, é constituído de valorações que fazem alguns humanos acreditarem ser mais importantes do que outros. Essa ideia, socialmente aceita, legitima um tratamento que mantém os subjugados à margem da ordem simbólica. Vivendo sob tais condições, tornam-se, na linguagem de Žižek (2010), seres barrados, vazios, castrados, porque são impedidos de realizarem seus desejos.

Os princípios da escravidão, bem como as formas de subserviência dos negros para com os brancos se perpetuavam, passavam do avô para os filhos, destes para os netos. Mesmo assim, a narrativa segue com um olhar voltado para novos tempos, como na passagem em que mostra a saída de Ponciá da vila: “E, avançando sobre o futuro, Ponciá partiu no trem do outro dia, pois a máquina não voltaria tão cedo ao povoado” (p. 30).

A neta de Vô Vicêncio, apesar de ser mulher, fora, desde o nascimento, predestinada a ser e fazer diferente: Ponciá sonhava, cantava, gostava de ser mulher, era forte e corajosa aos dezenove anos quando resolveu pegar o trem para a cidade: nenhum parente homem “havia ousado tamanha aventura” (p. 31), coisa rara naquele tempo em que o homem era o senhor de tudo e de todas. Evaristo dá, nessa obra, vez e voz à mulher negra. Ela registra a possibilidade do protagonismo de um ser predestinado à invisibilidade.

Considerações Finais

Estudar a literatura de Conceição Evaristo é perceber como as escrituras da autora e as suas experiências pessoais e coletivas, de fato, mostram-se unidas à sociedade, além de ser uma oportunidade para discutir o fazer estético em uma obra de autoria feminina, com base nos aspectos inerentes ao contexto histórico e cultural do processo de formação dos povos marginalizados, sejam pela origem, raça, gênero ou posição social.

Por outro lado, a perspectiva teórica escolhida, o Materialismo Lacaniano, para respaldar esta pesquisa, revela-se fecunda à medida que forneceu subsídios específicos para construção de uma leitura diferenciada sobre Ponciá Vicêncio, principalmente, se levarmos em consideração que não há registros de uma análise do romance aludido embasado nessa vertente teórica. Isso aponta para uma dupla contribuição deste capítulo: a primeira, conforme sugerido, nasce da reflexão em torno do texto literário

contemporâneo, relevante para discutir problemáticas atuais; e a segunda, obviamente, parte da concatenação da obra com a corrente teórica que solidificou a análise, uma vez que também se mostrou nova na exegese de textos literários.

A literatura de Evaristo em muito se aproxima da visão de Candido (2011) quando ele destaca os textos literários em todas as suas especificidades, tais como o toque poético e as diversas faces da ficção, sejam elas narrativas, poéticas ou dramáticas. Evaristo apresenta, em *Ponciá Vicêncio*, todos os níveis de costumes, lendas, provérbios e manifestações artísticas preservadas pelos negros africanos, principalmente, os aspectos da tradição oral, cuja consequência é o fortalecimento da presença e da atuação de cada um desses aspectos.

Nesta perspectiva, associamos o fazer estético da literatura de Evaristo às condições das práticas de produção na sociedade, uma vez que, além da estética, a ciência e a prática cotidianas refletem a mesma realidade objetiva, marcada pelos processos de colonização e pelo desejo de afirmação do reconhecimento dos povos de origem africana.

Sobre a aplicação do Materialismo Lacaniano na obra, consideramos a estrutura da narrativa, a partir das marcas da linguagem, que, atreladas à filosofia política da abordagem escolhida e à literatura, podem revelar o “contorno completo do impacto fragmentador da modernidade” (ŽIŽEK, 2011, p. 52). O intuito foi apresentar os conceitos que envolvem a tríade simbólica – Simbólico, Imaginário e Real para, em seguida, discutir como os elementos que compõem o enredo colaboraram para a análise das agruras da protagonista em associação com o movimento das três instâncias da tríade, haja vista a sua responsabilidade para a constituição da personagem que, em movimentos de busca constante, procura se reconhecer dentro de uma realidade já posta pela ordem simbólica.

Os conceitos esclarecidos pelo Materialismo Lacaniano foram essenciais para esse estudo. O romance insere-se em um contexto plural e multicultural, logo, a sua análise provocou uma abordagem que leva em consideração as angústias relacionadas ao vazio existencial, que caracteriza Ponciá, como rede de construção para o seu processo de integração, fato que destaca o duplo protagonismo expresso na obra: a autoria negra feminina e uma protagonista também negra.

Neste contexto, constatamos que a teoria žižekiana pode ser usada para problematizar obras literárias, já que a literatura nasce a partir do contato do sujeito com um espaço em um determinado período histórico, ao mesmo tempo em que, nas narrativas, por meio das diversas personagens criadas pelos autores, podemos perceber nas tramas diversos conflitos que permeiam a própria existência humana.

Referências

CANDIDO, Antônio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antônio. *Vários Escritos*. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2011.

EVARISTO, C. *Ponciá Vicêncio*. 3 ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto do Partido Comunista*. São Paulo: Expressão Popular, 1997.

ŽIŽEK, Slavoj; GLYN, Daly. *Arriscar o impossível: conversas com Žižek*. Trad. Vera Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

ŽIŽEK, Slavoj. *Como ler Lacan*. Trad. Maria Luzia X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

ŽIŽEK, Slavoj. *Em defesa das causas perdidas*. Trad. Maria Beatriz de Medina. Rio de Janeiro: Boitempo, 2011.